

### "Zico ou Áustria": os desdobramentos da transferência de Arthur Antunes Coimbra para o *Udinese* e as fronteiras invisíveis do futebol (1983) <sup>1</sup>

Victor Brandão de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como intuito analisar os principais desdobramentos da transferência de Arthur Antunes Coimbra, o Zico, do Clube de Regatas do Flamengo para o *Udinese Calcio*, em 1983. A partir de uma investigação por meio dos periódicos *O Globo* e o *Jornal dos Sports*, pretende-se estabelecer tanto uma cronologia dos eventos que cercaram a transação, quanto contextualizá-los a fim de compreender as circunstâncias em que estão inseridos. Da crise estrutural do futebol brasileiro, intensificada durante a década de 1980, até a mobilização dos torcedores do Udinese que, devido ao veto imposto pela Federação Italiana de Futebol (FIF) à compra do jogador, protestaram contra o governo sob o grito de ordem "Zico ou Áustria". Assim, busca-se analisar as condições que proporcionaram a negociação, levando em consideração os vínculos estabelecidos entre três elementos centrais ao campo futebolístico: o clube, o ídolo e os torcedores, percebidos como comunidades de sentimento imaginadas.

**Palavras-chave:** Crise; Fronteira; Globalização; Identidade; Transferência.

#### 1. A transferência de Zico: considerações iniciais

Em 1983, após ter construído toda a sua carreira de jogador profissional de futebol no Clube de Regatas do Flamengo, Arthur Antunes Coimbra, o Zico, se transferiu para o *Udinese Calcio*, da Itália. A transação, contudo, trouxe em si diversos elementos característicos de um drama. Os italianos apresentaram uma proposta de aproximadamente quatro milhões de dólares, o equivalente naquele momento a dois bilhões de cruzeiros. O valor consideravelmente alto, haja vista as condições financeiras

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT - Estrangeiros(as) no Futebol e Futebol Internacional, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol.

<sup>2</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). e-mail: victorb.o@hotmail.com

do clube italiano, rapidamente foi colocado sob suspeição pela Federação Italiana de Futebol (FIF), que vetou a contratação do atleta.

Dessa forma, no dia 04 de julho daquele ano, em plena *Piazza XX de Settembre* – a principal praça da região de Udine, na Itália –, o grito de ordem entre os torcedores que foram às ruas demonstrar seu descontentamento com a decisão tomada pela Federação era "Zico ou Áustria". A expressão, que marcou o momento, fazia referência ao antigo Império Austro-Húngaro, ao qual a região havia pertencido antes do período de unificação italiana. Emergindo enquanto uma manifestação de torcedores que não aceitavam a interferência e o abuso de poder proveniente do governo da capital, a mobilização iniciada em Udine rapidamente tomou um caráter nacional, tornando a transferência de um jogador de futebol uma das principais pautas políticas do país naquele mês de julho de 1983.

No Brasil, os mesmos periódicos que abordavam os problemas que percorriam os bastidores da negociação, indagavam Zico a respeito dos motivos que o levaram a preferir o Flamengo pela Europa. Entre as respostas do jogador, apareciam reportagens que reiteravam o poderio econômico dos clubes estrangeiros, principalmente os italianos. Segundo a jornalista do *O Globo*, Mônica Falcone, responsável pela cobertura da transação de Zico: "não há nenhum jogador famoso no Brasil, seja ou não da seleção brasileira, que não esteja sendo citado ora em um time, ora em outro".<sup>3</sup>

E, de fato, naquele começo da década de 1980, o mercado futebolístico estrangeiro passava a olhar cada vez mais para os jogadores brasileiros. Como relata o economista Marcelo Proni em sua obra *A metamorfose do futebol*, destacando as razões que influenciaram tanto os atletas profissionais quanto os próprios clubes nacionais a recorrerem ao mercado internacional:

"No início da década de oitenta, o fato mais marcante, do ponto de vista econômico, foi os clubes terem sido arrastados pela recessão econômica para uma situação financeira extremamente precária, forçando a maioria deles a se desfazerem de parte importante de seu patrimônio líquido: os 'passes' de seus melhores atletas".<sup>4</sup>

Porém, não é possível analisar a transferência de Zico como resultado único e exclusivo da conjuntura econômica do começo dos anos oitenta, pois como ressalta o

---

<sup>3</sup> O Globo, 15 Junho de 1983.

<sup>4</sup> PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 2000, p. 148.

historiador Matthew Taylor,<sup>5</sup> a respeito das contradições que permeiam este processo de globalização dos jogadores, "The movement of footballers from country to country and continent to continent is thus much more than the product of the current economic and power relations of world football" (TAYLOR, 2006, p. 7). Faz-se necessário, assim, examinar a relação do futebol com os sistemas de migração e abordar de que forma os mercados futebolísticos globais se expandiram gradualmente a partir do final do século XX, uma vez que os limites impostos à livre circulação de jogadores profissionais pelas Federações foram diminuindo e as fronteiras entre os países pareciam se diluir.

É importante destacar que há ainda uma outra faceta que se relaciona à transferência de Zico para um clube estrangeiro. A crise do modelo organizacional do futebol brasileiro evoluiu progressivamente no decorrer das décadas de 1970 e 1980, passando a representar, em suma, um dos motivos que encaminharam ao "êxodo" dos principais jogadores do selecionado nacional durante o período posto em análise – entre eles, Zico.<sup>6</sup>

Dessa forma, o esforço aqui empreendido, concentra-se em duas esferas: examinar a reabertura das fronteiras dos mercados futebolísticos, sobretudo o italiano, para atletas do exterior e a inserção do Brasil nesse contexto; e investigar, a partir dos periódicos *Jornal dos Sports* e *O Globo*,<sup>7</sup> a repercussão da transferência de Zico para o *Udinese Calcio*, refletindo acerca das mensagens imbricadas no próprio brado dos torcedores – "Zico ou Áustria" – ao veto imposto pela Federação Italiana de Futebol à compra do jogador. Para além de traçar uma cronologia relativa à negociação do atleta, o que nos interessa aqui é analisar os desdobramentos, e conseqüentemente as mensagens e potencialidades a serem exploradas, decorrentes de um evento tão singular como a transferência de um jogador de futebol.

---

<sup>5</sup> TAYLOR, M. (2006). Global players? Football, migration and globalization, c. 1930-2000. *Historical Social Research*, 31(1), pp. 7-30.

<sup>6</sup> CASTELLARI, Ademir Ângelo. O tradicional e o moderno no futebol brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização. USP, dissertação de mestrado em Ciências Sociais, 2010; e BRANDÃO, Victor. As fronteiras invisíveis do futebol: as transferências de jogadores brasileiros para clubes do exterior (1980 -1990). In: *Práticas de micro-história: diversidade de temas e objetos de um método historiográfico*. [E-book]. Organizadores: Alexandre Karsburg, Maira Ines Vendrame e Deivy Carneiro – São Leopoldo: Oikos, 2022. p. 1059-1075.

<sup>7</sup> Cabe destacar que no período estabelecido para a análise, tanto o *Jornal dos Sports* quanto o *O Globo* possuíam alta relevância entre os leitores, sendo considerados, portanto, peças fundamentais para a compreensão dos eventos encadeados a partir da transferência de Zico, uma vez que cada um, à sua maneira, realizava uma abordagem centrada não apenas na negociação, mas na própria repercussão da transferência, escutando os mais diversos agentes do campo futebolístico.

## 2. Futebol, Globalização e o Mercado de jogadores

Embora tenham passado a ocorrer de maneira mais intensa e extensa a partir das décadas de 1980 e 1990,<sup>8</sup> tornando-se objeto constante para a produção de conteúdo midiático, as transferências de jogadores de futebol não podem ser caracterizadas como um fenômeno recente. Em *Global Players and the Stadium: Migration and Borders in Professional Football*, o historiador Christian Banse, ao adotar uma perspectiva mais territorializada a respeito das migrações de atletas de países periféricos para as grandes ligas europeias, aponta que existem diversos atrativos que circundam a escolha de um atleta. Entre os salários elevados, a própria monumentalização dos estádios europeus – arenas transnacionais e espaços de contato com o estrangeiro –, palcos dos grandes confrontos televisionados que servem como representação da conquista de um jogador, são distintas as razões que levam a uma negociação nesse mercado. Todavia, o autor destaca que:

"In the literature on globalization the increase in cross-border mobility is often regarded as one indicator for more cross-national integration and understanding (...) The migration of professional football players is not a new phenomenon, but belongs to football's long, cosmopolitan history."<sup>9</sup>

Ao tecer críticas à forma como o processo de globalização é encarado nas recentes abordagens sobre o mercado de transferências, Banse propõe um alargamento na análise dos processos migratórios de jogadores profissionais de futebol, demonstrando que as negociações entre clubes estrangeiros aconteciam desde o começo do século XX, sendo marcadas por questões políticas, econômicas, e até mesmo por especificidades nacionais e regionais.

Dessa forma, embora o estágio mais recente da globalização – acompanhado de uma perspectiva neoliberal – tenha passado a afetar o futebol de maneira muito mais aguda nas últimas décadas, a própria transnacionalidade característica deste esporte é capaz de nos fornecer, no que tange à formação de mercados futebolísticos, um espaço investigativo com temáticas que intercruzam fenômenos como o controle de fronteiras,

---

<sup>8</sup> As mudanças jurídicas que ocorreram tanto no Brasil, a exemplo das Leis Zico (1993) e Pelé (1998), quanto na Europa – pela Lei Bosman (1995) –, contribuíram para esse processo mais intenso e extenso de circulação de jogadores profissionais de futebol.

<sup>9</sup> BANSE, Christian. *Global Players and the Stadium: Migration and Borders in Professional Football*. In: Frank, Sybille, and Silke Steets. *Stadium Worlds: Football, Space and the Built Environment*. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2010, p. 132, grifos meus.

os fluxos migratórios e até mesmo questões identitárias. Como aponta Pascal Boniface, em *A terra é redonda como uma bola*, há poucos elementos tão difundidos pelo mundo como o futebol, sendo este, segundo o autor, "o estágio último da mundialização" (BONIFACE, 2002, p.11)

Assim, ainda que passe muitas vezes despercebida, encarada como um simples período de distanciamento entre o jogador e sua torcida, a transferência de Zico do Clube de Regatas do Flamengo para o *Udinese Calcio* congrega em si diversos fatores relacionados tanto a um contexto de formação contemporânea de um mundo global, com as mudanças em curso nas relações de mercado, quanto elementos internos característicos da crise financeira que se alastraria no decorrer da década de 1980 no Brasil. Deve-se ressaltar também a realidade vivenciada no futebol e nas relações econômicas entre os países envolvidos na transação – Brasil e Itália –, sendo necessário contextualizar de que modo funcionava o mercado de transferências e os fatores que levaram os clubes a negociarem o jogador.

Entre as condições que proporcionaram a expansão das transações de jogadores brasileiros no comércio internacional, a "crise estrutural do futebol nacional", acentuada nos anos oitenta, fez com que até mesmo os principais atletas do selecionado brasileiro, que de maneira geral tendiam a receber as melhores remunerações, encarassem a possibilidade de uma transferência para o exterior. De acordo com o sociólogo Ronaldo Helal e o antropólogo Cesar Gordon:

"... próximo do final do século XX, particularmente a partir de fins da década de 70, se começa a falar de uma 'crise' no futebol brasileiro. Essa crise manifesta-se, por exemplo, na queda progressiva do número de espectadores das partidas de futebol, no aumento da violência nos estádios (principalmente entre as chamadas 'torcidas organizadas'), na evasão de jogadores para o exterior e no crescente endividamento dos clubes."<sup>10</sup>

Das principais preocupações apresentadas pelos autores, uma das questões preponderantes para a elaboração de tais reflexões são as transformações culturais decorrentes do processo de globalização e seus influxos na sociedade brasileira. Desse modo, entre problemas de ordens diversas, Gordon e Helal destacam quatro: econômicos, sociais, político-administrativos e técnicos; o último, visto aqui como

---

<sup>10</sup> HELAL, Ronaldo e GORDON, César. A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI. In: ECO-PÓS: Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002, p. 37.

fundamental para compreendermos o impacto relativo à transferência de Zico para o *Udinese Calcio*, pois, segundo a definição dos autores é representado através da “falta de grandes craques das décadas passadas (como Pelé, Garrincha, etc.), associada ao êxodo dos melhores jogadores em atividade para o exterior, tendo em vista o empobrecimento dos clubes” (HELAL; GORDON, 2002, pág. 47).

À primeira vista, a impressão que fica é a de que em menos de uma década<sup>11</sup> o Brasil deixou de ser uma referência no futebol, passando a ser considerado apenas uma periferia, de modo que sua função, aos poucos, resumiria-se à exportação de seus melhores jogadores para clubes estrangeiros.<sup>12</sup> Destaca-se, ainda, o próprio interesse por parte desses atletas em buscar melhores condições de trabalho no exterior. Em sua dissertação, *Os gênios da pelota*, publicada em 1980, o antropólogo Ricardo Benzaquen de Araújo entrevista um pequeno grupo de jogadores profissionais de futebol a fim de buscar uma melhor compreensão acerca das particularidades dessa profissão. Ao questionar os atletas a respeito de seus vínculos contratuais e das relações estabelecidas com os dirigentes de seus clubes, Araújo recebeu majoritariamente críticas à Lei do Passe.<sup>13</sup> Segundo o autor, quando um atleta decidia mudar de equipe, suas únicas opções eram ser vendido ou trocado. Porém, mesmo que fosse consultado nas negociações, ele dificilmente teria a oportunidade de opinar a respeito do resultado final:

"Assim, segundo meus entrevistados, o jogador é o único profissional do país legalmente impedido de procurar livremente o emprego que melhor o remunerere, o que estaria, inclusive, em total desacordo com a Consolidação das Leis do Trabalho. Incapaz, portanto, de cuidar dos seus próprios interesses profissionais, o jogador vai ver no passe o maior obstáculo para a realização daquele projeto de acumulação que havíamos estudado no primeiro capítulo."<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Ao conquistar em definitivo a Taça Jules Rimet na Copa do Mundo de 1970, a seleção brasileira atingiu o patamar mais alto de sua glória. Todavia, os problemas econômicos, administrativos, técnicos e políticos que passaram a permear cada vez mais o modelo organizacional do futebol brasileiro, após o tricampeonato, foram aos poucos evidenciando uma crise estrutural nesse esporte.

<sup>12</sup> Vale ressaltar que esse status de "exportador de pé-de-obra" se configura a partir de uma relação com os clubes das principais ligas da Europa, alterando seu sentido a depender do período posto em análise. Em algumas instâncias, os próprios clubes brasileiros enxergavam outros países como potenciais exportadores, de modo que seu papel frente ao mercado de transferências não pode ser considerado apenas periférico.

<sup>13</sup> De acordo com o Art. 11 da Lei n°. 6.354/76: "Entende-se por passe a importância devida por um empregador a outro, pela cessão do atleta durante a vigência do contrato ou depois de seu término, observadas as normas desportivas pertinentes."

<sup>14</sup> ARAÚJO, Ricardo Augusto Benzaquen. *Os Gênios da Pelota — Um Estudo do Futebol como Profissão*. UFRJ, tese de mestrado em Antropologia Social, 1980, p. 75.

De acordo com Araújo, o grande problema em relação ao "passe" dizia respeito aos dirigentes dos clubes que, durante as negociações de algum atleta, muitas vezes acabavam tomando decisões baseadas em critérios passionais, o que prejudicava não somente a carreira do profissional, como suas possibilidades de garantir uma independência financeira. Logo, tendo em vista as adversidades que podem surgir na trajetória de um jogador: contratos curtos, lesões, queda de rendimento, etc; faz-se necessário um rápido acúmulo de capital. É nesse sentido que as propostas advindas da Europa e dos Estados Unidos passaram a exercer um certo fascínio para a maioria dos atletas que enxergavam na possibilidade de atuar no exterior, uma oportunidade para receber muito mais do que no Brasil.

A realidade do mercado futebolístico, apesar de suas especificidades, muitas vezes acompanha a realidade do mercado global. Sendo assim, ao discorrer a respeito das transferências de jogadores, é necessário ressaltar que embora o futebol profissional possua uma entidade de caráter internacionalista por trás de sua administração,<sup>15</sup> cada país é capaz de pautar uma própria legislação em relação às práticas concernentes às suas modalidades esportivas, ou seja, os clubes têm que lidar com as regras específicas estabelecidas por suas Federações.

Na Itália, o processo de transferências de jogadores de futebol caracterizou-se a partir de um fluxo migratório difuso. Em *Calcio: A History of Italian Football*, o historiador John Foot traça um panorama do desenvolvimento do futebol na Itália a partir de certos aspectos como: a formação de clubes e suas ligações com as cidades; a consolidação do campeonato nacional; principais jogadores e estrangeiros de cada equipe; táticas do jogo; violência; política; imprensa; torcedores e a seleção. O autor, assim, retorna ao final do século XIX e início do XX, a fim de explicar certas relações estabelecidas com alguns países da América do Sul e suas conexões com o esporte:

---

<sup>15</sup>A Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) atua como uma organização internacional, sem fins lucrativos, reguladora de diversas modalidades esportivas – entre elas, o futebol.

"Millions of Italians took the boat to South America and the exodus was biblical. By the 1870s the Italians in La Boca already had their own church, newspaper and opera house and one third of the entire Buenos Aires population in the 1920s and 1930s was made up of children of Italian emigrants. By 1911 there were something like two million Italians in Argentina and 40 per cent of the 3.7 million Europeans who migrated to Brazil were from Italy. Football spread like wildfire in this continent, and Brazilian- and Argentinian-born players have formed the vast majority of foreigners to play in Italy since the boom of the 1920s."<sup>16</sup>

Nota-se que as relações entre Brasil, Argentina e Itália muitas vezes perpassam o campo futebolístico. Na década de 1920 e início dos anos trinta, antes mesmo da profissionalização ser institucionalizada no Brasil, diversos jogadores de futebol se transferiram para clubes estrangeiros. De acordo com o jornalista Paulo Vinicius Coelho, um dos mercados mais ativos, naquele momento, era o italiano, e atuar em outro país:

"Significava a possibilidade de jogar profissionalmente sem restrição. Significava, também, a chance de receber mais dinheiro para jogar futebol do que acontecia no Brasil. Os argumentos, mais do que sedutores, começaram a arrancar jogadores brasileiros do país e levá-los para a Europa [...] Os primeiros a atravessar o oceano para jogar na Itália eram filhos de italianos que vieram ao Brasil em busca de trabalho duro."<sup>17</sup>

Coelho, portanto, corrobora para uma ideia já levantada por aqui aqui, de que o mercado global de transferências de jogadores não é algo novo, as transações para clubes do exterior acontecem pelo menos desde o início do século XX.

Entretanto, como aponta Foot, a presença de jogadores estrangeiros na Itália está associada diretamente às complicadas legislações governamentais que regulam o jogo – limites e barreiras impostos pela Federação Italiana de Futebol à livre circulação de jogadores –, as restrições e permissões relacionadas às transferências passaram a se enquadrar em diferentes contextos políticos e socioeconômicos. Segundo o autor, desde

---

<sup>16</sup> FOOT, John. *Calcio: A History of Italian Football*. Fourth Estate. Edição do Kindle, posição 7.332. Tradução minha: "Milhões de italianos tomaram os barcos para a América do Sul e o êxodo foi bíblico. Na década de 1870, os italianos em La Boca já tinham sua própria igreja, jornal e ópera e um terço de toda a população de Buenos Aires nas décadas de 1920 e 1930 era composta por filhos de emigrantes italianos. Em 1911, havia algo em torno de dois milhões de italianos na Argentina e 40% dos 3,7 milhões de europeus que migraram para o Brasil eram da Itália. O futebol se espalhou como um incêndio neste continente, e jogadores nascidos no Brasil e na Argentina formaram a grande maioria dos estrangeiros que jogaram na Itália desde o boom da década de 1920."

<sup>17</sup> COELHO, Paulo Vinicius. *Bola Fora: A história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009, págs. 44 e 45.

1965, tendo sido sancionado apenas em 1966, estudava-se na Itália a realização de um bloqueio a estrangeiros com a prerrogativa de fortalecer o futebol nacional, tendo em vista os vexames da seleção italiana em Copas do Mundo e competições europeias em finais da década de 1950 e início dos anos sessenta. A Itália, detentora de dois títulos mundiais (com as conquistas em 1934 e 1938), havia sido eliminada na primeira fase em todas as suas participações no torneio desde que a taça voltara a ser disputada em 1950, em sua quarta edição, a primeira após a Segunda Guerra Mundial.

Assim, quando o bloqueio foi confirmado em 1966,<sup>18</sup> apenas os jogadores e treinadores estrangeiros que já atuavam na Itália foram capazes de permanecer no país. Além disso, devido ao relativo sucesso instantâneo da medida adotada pela Federação, uma vez que a seleção italiana foi campeã da Eurocopa em 1968 e vice-campeã do mundo em 1970, a reabertura do mercado passou a ser protelada. Apenas quatorze anos após o seu fechamento, entre a pressão exercida pelos clubes nacionais e uma persistente resistência da Federação, o mercado futebolístico italiano reabriu, havendo ainda certos limites: nas duas primeiras temporadas, era permitida a atuação de um único atleta de outro país em cada time e somente a partir da temporada 1982/83 os clubes passaram a poder realizar até duas contratações.

Percebe-se o papel regulatório que a FIF deveria cumprir, a mando do próprio Estado, reiterando o papel fundamental de uma instituição que naquele momento era capaz de definir as condições de circulação e movimento de uma classe inteira de trabalhadores – os jogadores profissionais de futebol. Em *Coming and Going: On the State Monopolization of the Legitimate 'Means of Movement'*,<sup>19</sup> o historiador John Torpey, seguindo a mesma retórica de Karl Marx e Max Weber, pretende sustentar o argumento de que os Estados Modernos, inseridos no concerto internacional das Nações, ao longo do tempo expropriaram dos indivíduos e de entidades privadas os "meios (legítimos) de movimentação". Torpey tende a ponderar sua alegação, reiterando que existem certas virtudes nesse sistema, sobretudo as de natureza diplomática, uma vez que a atuação do Estado na livre circulação dos indivíduos, seja interna ou externamente, possui um caráter legal, haja vista a necessidade do controle e

---

<sup>18</sup> Apesar do bloqueio, os jogadores e técnicos estrangeiros não foram banidos de seus clubes, de modo que muitos permaneceram na Itália, visto que desde 1958 a Federação Italiana de Futebol passou a permitir a livre transferência de estrangeiros entre equipes italianas.

<sup>19</sup> TORPEY, John. *Coming and Going: On the State Monopolization of the Legitimate 'Means of Movement'*. In: *Sociological Theory*, v. 16, n. 3, pp. 239-259, 1998.

manutenção das fronteiras em um mundo cada vez mais globalizado.<sup>20</sup> De acordo com ele:

An understanding of the processes whereby states monopolized the legitimate means of movement is crucial to an adequate comprehension of how modern states actually work. Most analyses of state formation heretofore have focused on the capacity of states to penetrate societies, without explicitly telling us *how* they effect this penetration.<sup>21</sup>

Compreender de que maneira os estados nacionais passaram a monopolizar essa circulação de pessoas tanto para dentro quanto para fora de seu território é fundamental, uma vez que o próprio mercado futebolístico (global) de transferência de atletas depende das condições estabelecidas por cada Federação para operar de maneira fluida. Acontece, entretanto, que como o próprio autor destaca "analyses of migration and migration policies have tended to take the existence of states largely for granted (...)" (TORPEY, 1998, p.240). Assim, seguindo a linha apresentada por Torpey, da mesma maneira em que a existência do Estado e seus meios coercitivos de controle são tomadas como pré-existentes em algumas análises a respeito de movimentos migratórios, pode-se dizer que parte dos estudos que abordam o aumento das transferências dos jogadores brasileiros para clubes do estrangeiro no período posto em análise, tomam como certa a existência de um mercado globalizado, ignorando que a própria construção desse sistema internacional de negociações dependeu, em parte, dos limites e aberturas determinados pelos Estados Nacionais ao longo dos anos.

Em *A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização*, o historiador Marcos Alvito se apropria da definição de globalização fornecida pelo sociólogo Anthony Giddens:

"A globalização pode assim ser definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa."<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> O "monopólio dos meios de movimento" não é um fenômeno exclusivo do século XX, período tido como de destaque para um processo de globalização acelerada, nem pode ser um conceito generalizado e válido para qualquer período histórico ou lugar. Segundo Torpey, "the monopolization of this authority by states emerged only gradually after the medieval period and paralleled states' monopolization of the legitimate means of violence" (TORPEY, 1998, p. 240).

<sup>21</sup> TORPEY, John. *Coming and Going: On the State Monopolization of the Legitimate 'Means of Movement'*. In: *Sociological Theory*, v. 16, n. 3, 1998, p. 240.

<sup>22</sup> GIDDENS, Anthony (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da UNESP, 2. ed. p. 69.

para analisar o impacto desse processo no desenvolvimento do futebol brasileiro no final do século XX e início do XXI. Alvito destaca que este acelerado e extenso processo que se deu com maior intensidade a partir da década de 1980, principalmente devido ao panorama neoliberal emergente, ainda que se pretenda uniforme em alguns discursos, também é capaz de acentuar desigualdades existentes, além de estabelecer e revelar outras.

Dessa forma, ao passo em que o fenômeno da globalização, tal como descrito por Giddens,<sup>23</sup> torna-se perceptível em determinadas esferas do futebol – a exemplo de uma maior integração no mercado futebolístico a partir da (re)inserção de países em um comércio mundial de transferências de jogadores<sup>24</sup> –, um novo papel passou a ser exercido pelo Brasil no contexto esportivo internacional. Ao encurtar as distâncias e diluir as fronteiras progressivamente, estabelecendo uma gradual integralização nas relações comerciais no campo futebolístico, esse fenômeno revelou um desequilíbrio na própria ordem mundial do futebol, que nos próximos anos passaria a ter um fluxo migratório cada vez mais delineado dos principais jogadores brasileiros para o exterior.

### **3. As primeiras investidas italianas**

Logo após a reabertura de suas fronteiras, os empresários italianos realizaram suas primeiras incursões em território brasileiro, iniciando pela região Sul. Os dirigentes da *Associazione Sportiva Roma*, contrataram Paulo Roberto Falcão que naquela época era considerado um dos maiores jogadores do futebol mundial, sendo reconhecidamente ídolo do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, e jogador titular da seleção brasileira. Além de Falcão, outros futebolistas como Luís Silvío Danuello, Enéas de Camargo e Juary Jorge dos Santos Filho, deixaram seus clubes para trás nesta primeira investida, em busca da independência financeira proporcionada pelos salários que receberiam em dólares. Intensificava-se o êxodo<sup>25</sup> de atletas do futebol nacional.

---

<sup>23</sup> Se "acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa", a decisão da reabertura do mercado italiano de futebol acabou gerando consequências não somente para a Itália, mas influenciou diversos agentes do campo futebolístico que se encontravam do outro lado do Oceano Atlântico.

<sup>24</sup> É importante ressaltar que no caso brasileiro outros fatores também serviram para reforçar os efeitos gerados por esse processo de globalização, como a crise econômica e as complicações enfrentadas pelo modelo organizacional do futebol nacional.

<sup>25</sup> O termo "êxodo" passou a ser muito utilizado pela imprensa nacional para descrever o fenômeno de saída constante de jogadores brasileiros para clubes do exterior, sobretudo porque nesse momento

O *Udinese Calcio*, o principal time da região do Friuli (Itália), pleiteava um espaço entre as grandes equipes da Série A do campeonato italiano. Assim, o clube não se manteve alheio à procura de grandes craques e, na temporada 1981/82, realizou sua primeira visita ao Brasil, levando para a Itália o jogador Orlando Lelé, do Club de Regatas Vasco da Gama. Após dispensar o atleta na temporada seguinte, os dirigentes do Udinese voltaram para, dessa vez, contratar o defensor Edinho Nazareth Filho que atuava pelo Fluminense Football Club e pela seleção brasileira, pela quantia de 700 mil dólares.<sup>26</sup>

Os clubes brasileiros, no período da reabertura do mercado italiano, passaram a sentir os sintomas da crise estrutural que perpassou o esporte no decorrer da década de 1970. Por outro lado, as equipes italianas demonstravam seu poderio econômico a partir de sua reinserção no comércio futebolístico global. Mesmo com a restrição de apenas um jogador estrangeiro nas duas primeiras temporadas, os clubes da Itália assustavam os brasileiros que dificilmente poderiam concorrer com as propostas em dólares. Ademais, surgia um outro agravante: além dos grandes times, a exemplo de *Juventus Football Club*, *Associazione Calcio Milan* e *Associazione Sportiva Roma* que constantemente estampavam os periódicos enquanto possíveis destinos de craques como Zico, Júnior, Leandro e Sócrates; clubes de um "porte menor" apresentavam um inesperado poder de compra.

Desse modo, em 1983, após suas primeiras incursões bem sucedidas, o *Udinese Calcio* voltou ao Brasil apresentando uma proposta de quatro milhões de dólares, o equivalente a dois bilhões de cruzeiros, por Zico. O valor extremamente alto, fosse pela idade do jogador que tinha trinta anos, ou pelo fato do clube ser um mero coadjuvante entre as principais equipes do país, acabou gerando intensas discussões e dúvidas a respeito do financiamento dessa transferência. Poderia o Udinese arcar sozinho e diretamente com todos os custos do jogador brasileiro? Não demorou até que a Federação Italiana de Futebol, presidida por Federico Sordillo, bloqueasse as transações que levariam Zico ao Friuli.

---

diversos atletas de caráter selecionável – o que os colocava na mídia – passaram a optar pelo futebol estrangeiro.

<sup>26</sup> De acordo com o Jornal dos Sports, em 1982, 700 mil dólares era o equivalente a aproximadamente 128 milhões de cruzeiros.

Tendo em vista a abordagem dos fatores que propiciaram a transferência de Zico, representando, em certa medida, os sintomas da crise que acometia o futebol nacional e, em um contexto geral, as transformações no mercado futebolístico global, buscarei a seguir discorrer a respeito das complicações que envolveram a negociação do atleta, abordando suas especificidades e impactos no ambiente político italiano, sobretudo a partir das constantes manifestações dos torcedores de Udine.

#### 4. "Ou Zico ou Áustria"

No dia 29 de maio de 1983, o Clube de Regatas do Flamengo decidiu a final do campeonato brasileiro de futebol, em pleno Maracanã, contra o Santos Futebol Clube. Após perder a primeira partida por 2x1 uma semana antes, no estádio do Morumbi, o rubo-negro precisava da vitória. Assim, diante de um público de 155.523 pagantes,<sup>27</sup> o Flamengo conquistou pela terceira vez a competição, após um acachapante 3x0 em seu adversário, com gols de Zico, Leandro e Adílio. Contudo, o clima festivo logo foi substituído por uma grande agitação. Apenas quatro dias após o título nacional, a capa do *Jornal dos Sports* carregava a seguinte manchete: "Udinese dá Cr\$ 2 bilhões. À vista. Mengão está vendendo Zico."<sup>28</sup> Espantando tanto os dirigentes quanto a massa torcedora, o surgimento de propostas ou de notícias relacionadas a uma possível negociação do jogador não eram novidade nos periódicos. A provável venda de Zico para um clube estrangeiro era especulada a cada temporada, entretanto, o fato nunca esteve tão próximo de ser consumado como naquele momento.

Dessa forma, ainda na edição do dia 02 de junho de 1983, ao confirmar que "Zico acerta venda hoje", o *Jornal dos Sports* iniciava a cobertura de uma transação que demoraria quase dois meses para se concretizar. Na reportagem que trazia depoimentos do presidente e do técnico do Flamengo, percebe-se que, de maneira distinta dos casos anteriores, dessa vez o assunto não foi tratado apenas como um rumor. Sobre a proposta, Carlos Alberto Torres a considerou irrecusável para as duas partes – clube e jogador – afirmando que:

---

<sup>27</sup> O jogo Flamengo 3x0 Santos, no Maracanã, detém o recorde de maior público em uma partida do campeonato brasileiro de futebol. Hoje, após as reformas pelas quais passou, o estádio possui uma capacidade de 78.838 torcedores.

<sup>28</sup> *Jornal dos Sports*, 02 de junho de 1983.

"Por esta quantia, só Pelé saiu do Brasil. Já que aqui existe esse tabu de jogador com mais de 30 anos ser velho, a oportunidade é excelente. Talvez o Flamengo pudesse sustentar a proposta, como o Santos fez com Pelé várias vezes, mas acontece que daqui a dois anos o Zico terá passe-livre e ninguém sabe se um clube estrangeiro oferecerá proposta idêntica."<sup>29</sup>

Enquanto isso, Antônio Augusto Dunshee de Abranches, o presidente do Flamengo, embora se declarasse perplexo com a quantia apresentada pelo Udinese, declarou:

"Estou meio tonto. No princípio, não acreditava que os italianos pudessem aparecer com essa grana toda. Como dirigente, estou tentado a fechar o negócio, mas como torcedor penso que não é uma boa venda, pois não veremos mais o Zico metendo gols nos adversário. Sinto também pelas crianças que o têm como ídolo."<sup>30</sup>

O jornal *O Globo* também anunciou a provável transferência de Zico para o Udinese no mesmo dia. Trouxe, para além das notícias a respeito da venda do craque, depoimentos de dirigentes e torcedores do clube. Eduardo Mota, Vice-Presidente Geral e de Finanças do Flamengo, declarou-se "espantado" com a proposta apresentada para compra do passe do jogador, "O Flamengo não tem condições de competir com o futebol italiano. Se tiver que pagar a Zico o que os italianos oferecem, o Flamengo vai à falência",<sup>31</sup> reiterando, portanto, o poderio financeiro demonstrado por equipes estrangeiras frente às brasileiras.

Em *Futebol folhetinizado*,<sup>32</sup> Maria Leda Costa discorre a respeito da produção do campo jornalístico a fim de demonstrar como suas estruturas narrativas se aproximam do "melodrama" e do "folhetim". Para a autora, o "entretenimento" emerge enquanto elemento central aos consumidores que em sua maioria são "torcedores ávidos para adentrarem em um território repleto de grandes acontecimentos e de ídolos imortais" (COSTA, 2010, p. 67). Utilizando recursos linguísticos com o intuito de fomentar a imaginação e curiosidade de seus leitores, as notícias passaram a vir acompanhadas de polêmicas e especulações, oferecendo histórias com um teor dramático que se prolongavam cotidianamente. Nesse sentido, o futebol se apresenta

---

<sup>29</sup> Jornal dos Sports, 02 de junho de 1983, p. 3.

<sup>30</sup> Jornal dos Sports, 02 de junho de 1983, p. 14.

<sup>31</sup> O Globo, 02 de junho de 1983, p. 24.

<sup>32</sup> COSTA, Leda Maria da. Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. LOGOS 33 (UERJ. IMPRESSO), v. 17, p. 65-77, 2010.

enquanto uma fonte inesgotável para a imprensa esportiva que atua, segundo Costa, como uma "multiplicadora do jogo":

"No caso específico do futebol, mais do que a literatura a imprensa foi – e continua a ser – o principal veículo a partir do qual esse esporte prolonga sua vida para além dos noventa minutos, adentrando em nosso imaginário, em nossa conversa cotidiana, se perpetuando através de histórias e narrativas coletivamente compartilhadas."<sup>33</sup>

O jornalismo esportivo, desta maneira, se constrói a partir do que podemos chamar de "(melo)dramas da vida social" – e assim foi tratada a transferência de Zico para o Udinese.

Ainda que uma parte da torcida do Flamengo surgisse com as mais distintas propostas<sup>34</sup> para a manutenção de Zico no clube rubro-negro, a realidade é que apesar das tentativas de Dunshee de embargar a negociação, demonstrando-se inflexível em relação ao pagamento do passe do jogador, o acordo com os italianos parecia bem encaminhado. Zico viajou para a Itália no dia 13 de junho de 1983. No dia anterior, o *O Globo* fez uma matéria intitulada "Dunshee de Abranches: o presidente que vendeu Zico", traçando o perfil do dirigente do Flamengo. Segundo a reportagem, Dunshee havia vivido todos os seus dias, desde que ocupara a gestão do clube, dizendo que não passaria para a história como o presidente que vendeu Zico, e, entretanto, o jogador estava a caminho da Europa.

Ao chegar em Milão, ao mesmo tempo em que reiterou os motivos que o fizeram declinar a proposta do Flamengo,<sup>35</sup> Zico prometeu o "Scudetto"<sup>36</sup> (troféu do campeonato nacional) aos torcedores. A estreia do jogador já estava agendada e seria, de maneira surpreendente para o torcedor rubro-negro, contra o próprio Flamengo. O clube rubro-negro estaria na Itália pois, entre os dias 24 de junho e 2 de julho,

---

<sup>33</sup> Ibidem, p. 66.

<sup>34</sup> Alguns torcedores mais eufóricos, em reunião com o presidente Dunshee, chegaram a dizer que o Flamengo deveria fazer um jogo no Maracanã e oferecer toda a renda da partida para Zico.

<sup>35</sup> Zico voltou a afirmar que com tanto desemprego e miséria no Brasil não poderia aceitar o contrato após os jornais anunciarem o quanto ele receberia. Além disso, destacava também a organização do campeonato italiano que, de maneira distinta do brasileiro, possuía um calendário fixado com muita antecedência e apenas um jogo por semana.

<sup>36</sup> O Globo, 15 de junho de 1983.

participaria, em Milão, do "Mundialito de Clubes".<sup>37</sup> Assim, no dia 22 de junho de 1983, Zico enfrentou o clube no qual havia se tornado ídolo. Cabe destacar que ao firmarem o contrato da compra do "passe" do jogador, ainda na primeira semana de junho, os dirigentes do Udinese, aproveitando-se da viagem já programada, organizaram um amistoso entre as duas equipes.

A partida acabou com uma vitória do Udinese por 4x2. O Flamengo havia sido derrotado e Zico estreara pelo clube italiano. Entre tantas mensagens simbólicas e interpretações cabíveis que essa partida é capaz de transmitir, é possível encarar o que estava posto: o atleta de fato não pertencia mais ao Flamengo, e, acima de tudo, já era visto como um grande ídolo pelos italianos.

A cobertura feita pelos periódicos a respeito da cerimônia de estreia do jogador, transmitiu a derrota do Flamengo dentro de campo para um plano fora dele. Como se a partida houvesse representado, enfim, uma conclusão da trama que envolveu a transferência de Zico para o futebol italiano, nos dias seguintes, tanto o *Jornal dos Sports* quanto o *O Globo* focaram suas abordagens<sup>38</sup> no desempenho do rubro-negro no "Mundialito de Clubes" – ainda que pequenas notícias a respeito da volta do jogador ao Brasil, com o intuito de preparar sua mudança definitiva para a Itália, aparecessem nas folhas. Entretanto, no dia 25 de junho, o *O Globo* voltou a relatar problemas com a negociação em matéria intitulada "Italianos suspendem as inscrições de brasileiros":

---

<sup>37</sup> O Mundialito de Clubes foi um torneio criado pela emissora de televisão Canale 5 reunindo clubes que já haviam conquistado uma Copa Intercontinental. Em 1983, Flamengo, Inter de Milão, Juventus, Milan e Peñarol disputaram a competição.

<sup>38</sup> Embora diminuíssem as reportagens a respeito da transferência de Zico, a incessante cobertura feita pelos jornais passaram a gerar comentários por parte do público consumidor. No dia 26 de junho, numa sessão destinada às cartas enviadas pelos leitores, o *O Globo* publicou uma que tratava especificamente do assunto: "Quando será que nós, brasileiros, vamos aprender a nos posicionar diante de certas situações? Chega a ser revoltante toda essa preocupação em torno do caso Zico [...] É um absurdo ver um chefe de família mais preocupado com o problema do Zico do que com o pão e leite que tem de levar para casa."

"(...) embora afirmem que tudo não passa de uma manobra de vários dirigentes, de clubes e da Federação, que concorrem a cargos públicos nas eleições que serão realizadas na Itália. Lembram que ninguém quer assumir a contratação de jogadores estrangeiros, mas que estão sendo pressionados pelos Sindicatos, por causa do grande número de funcionários demitidos em empresas que 'bancam' os clubes. A fórmula então foi 'congelar' as inscrições, adiando uma definição para o dia 2 de julho (...). Mas os jornalistas advertem que *o risco de cancelamento das transferências existe* e que, por isso, nenhum clube até agora pagou o que havia acertado pelos passes dos jogadores que contrataram, pedindo um adiamento do compromisso."<sup>39</sup>

Nesse momento, de maneira distinta dos imbróglis apresentados anteriormente, os problemas para a concretização do negócio eram provenientes da própria entidade que regia o futebol italiano – a Federação nacional.

No dia 03 de junho de 1983, a transferência de Zico voltou às capas dos periódicos: "Anulada a venda de Zico" (*O Globo*) e "Zico: melou a transa" (*Jornal dos Sports*). De acordo com as reportagens, o Conselho Geral das federações e ligas de futebol da Itália vetou a compra de diversos jogadores estrangeiros,<sup>40</sup> entre eles, Zico. A explicação para o impedimento se deu devido ao valor pago pela compra do "passe" do jogador, o que não correspondia com a realidade econômica do Udinese. Aqui, deve-se ressaltar que os italianos, de fato, não seriam capazes de arcar sozinhos com a aquisição de Zico. Porém, uma empresa de Londres, a *Grouping Limited*, participaria da negociação, entrando com um aporte financeiro em troca dos direitos de imagem do atleta.

No *O Globo*, a correspondente Mônica Falcone trouxe novas informações e depoimentos das principais figuras de Udine, reiterando a agitação que tomou conta da região:

---

<sup>39</sup> O Globo, 25 de junho de 1983, p. 25.

<sup>40</sup> Além de Zico, a compra de Toninho Cerezo pelo Roma também foi vetada. Outras contratações menores como a dos brasileiros Elói e Batista, respectivamente pelo Gênova e Lázio, também foram investigadas e suspensas até que os clubes provassem suas condições financeiras.

"O 'Piccolo Bar', principal ponto de encontro dos torcedores do Udinese no centro de Udine, parecia ontem à tarde reunir um exército excitado pronto para partir para a guerra. Foi assim que a população local, entre perplexa e furiosa, recebeu a notícia da Federação Italiana de Futebol...

- Estão querendo golpear o Udinese. O clube pode dizer que respeitou os mínimos detalhes, todos os regulamentos. É inaceitável esta decisão e vamos fazer de tudo para impugnar a sentença. Vamos recorrer à Justiça Comum. (Franco Dalcin, Diretor Geral do Udinese)

- Trata-se de uma tentativa de impedir o crescimento de um clube de futebol da província, para que não concorra com os times tradicionais de Roma, Milão e Turim. Mas isso é injusto e a partir de hoje passo a temer que a atual compostura dos torcedores do Udinese se modifique e ocorram até atos de violência. (Gian Raffaele Antonucci, presidente da Associação das Torcidas Organizadas do Udinese)."<sup>41</sup>

No dia seguinte, os periódicos abordaram o "caso Zico" sob diferentes perspectivas. Enquanto no Brasil, o Flamengo se preparava para renovar o contrato com o jogador após o dia 23 de julho – prazo estipulado para os italianos realizarem o pagamento do valor integral do "passe" – o Udinese e seus torcedores recorreram a diferentes advogados para iniciar um processo na Justiça Comum. Falcone, em mais uma matéria, apresentou os detalhes que envolviam o veto à transferência. Segundo a jornalista, em Roma, o presidente da Federação Italiana de Futebol, Frederico Sordillo, mantinha-se irredutível, voltando a declarar que a sentença era definitiva. Por outro lado, em Udine, a situação tomava contornos ainda mais dramáticos e os torcedores organizaram um protesto para o dia 04 de julho na *Piazza XX Settembre*:

"Na manifestação deverão fazer discursos os Dirigentes do Udinese, políticos da região, inclusive Senadores e Deputados que têm na cidade a sua base eleitoral, cientes da influência do futebol na política italiana. O Prefeito de Udine, Angelo Candolini, democrata-cristão, convocou uma reunião para meio-dia de hoje, na Prefeitura, para ouvir representantes de todos os partidos, inclusive o Comunista, para juntos estudarem uma ação contra a decisão da Federação."<sup>42</sup>

Posteriormente, a notícia da manifestação foi confirmada: "Zico ainda agita Udine" (*Jornal dos Sports*, 06/07/1983) e "Cinco mil torcedores na passeata em Udine" (*O Globo*, 05/07/1983). Entre as imagens dos torcedores e políticos que participaram da passeata e agitaram a província naquele 04 de julho de 1983, uma chamou a atenção da imprensa. Em meio às faixas que reiteravam o apoio dos torcedores ao presidente do

---

<sup>41</sup> O Globo, 03 de julho de 1983, p. 37.

<sup>42</sup> O Globo, 04 de julho de 1983, p. 7.

*Udinese Calcio*, Lamberto Mazza, e condenavam a atitude da FIF, emergia um cartaz com os dizeres "*Zico o Austria*". Para descrever a inusitada situação, Falcone voltou a publicar em *O Globo*, explicando:

"A passeata percorreu o centro da cidade e a torcida indignada, carregando faixas, cartazes, bandeiras e retratos do jogador, gritava "Ou Zico ou Áustria", numa referência ao período em que todo o Norte da Itália, inclusive Udine, pertencia ao Império Austro-Húngaro."<sup>43</sup>

Em *O Zico o Austria*,<sup>44</sup> o jornalista italiano Enzo Palladini traça uma biografia da carreira de Zico dando um maior enfoque ao período em que o jogador atuou pelo *Udinese Calcio*. Apesar da especificidade do título, que faz alusão às manifestações que se propagaram na região do Friuli na primeira semana de julho de 1983, o livro aborda os principais momentos da vida do atleta. É possível que o maior mérito da obra de Palladini seja retratar os imbróglios que envolveram a transferência de Zico a partir de uma estrutura narrativa que se assemelha a de uma peça teatral, dividindo os acontecimentos em diferentes "atos", a fim de explorar a dramaticidade do evento. Na cena 4, intitulada "*La Rivolta di Piazza*" (A Revolta da Praça), Palladini descreve a manifestação que agitou o ambiente político da pacata Udine em julho de 1983. De acordo com o autor, o veto à transferência do jogador, imposto pela FIF, representou um abuso do poder proveniente da capital, despertando na população local sentimentos reprimidos durante anos, de modo que:

"la frase 'O Zico o Austria' non è il contenuto di uno striscione, di cinque, dieci, cento striscioni. È il grido di rabbia di una regione che ha dovuto rimbocarsi le maniche per ricostruire tutto dopo un terremoto catastrofico e che adesso vorrebbe avvalersi del diritto di ammirare un campione. Zico è un obiettivo e un mezzo allo stesso tempo, un disinibitore di istinti primordiali che porta la gente a urlare: 'Ci vergogniamo di essere italiani'".<sup>45</sup>

Mais do que uma representação dos laços constituídos entre grupos mobilizados por uma paixão coletiva, o "caso Zico", seguido das manifestações que culminaram

---

<sup>43</sup> O Globo, 05 de julho de 1983, p. 24.

<sup>44</sup> PALLADINI, Enzo. *O Zico o Austria*. Veneza: Edizioni inContropiede, 2020. 130p.

<sup>45</sup> PALLADINI, Enzo. *O Zico o Austria*. Veneza: Edizioni inContropiede, 2020. p.62. Tradução minha: "A frase 'Ou Zico ou Áustria' não é o conteúdo de um banner, de cinco, dez, cem banners. É o grito de raiva de uma região que teve de arregaçar as mangas para reconstruir tudo depois de um terremoto catastrófico e que agora gostaria de se valer do direito de admirar um campeão. Zico é um alvo e um meio ao mesmo tempo, um desinibidor dos instintos primitivos que levou as pessoas a gritarem: 'Temos vergonha de ser italianos'".

numa possível ameaça separatista, aponta para uma relação imbricada entre o futebol e a política. Nos dias que se seguiram à passeata, as atenções da imprensa se voltaram novamente aos bastidores da transferência, cobrindo o movimento iniciado por parlamentares da região do Friuli que passaram a pressionar agentes políticos da alta esfera do governo, entre eles, Nicola Signorello, o Ministro dos Esportes. Assim, em 06 de julho, os periódicos estamparam em suas folhas: "Udinese pede hoje apoio do Governo para ter Zico" (*O Globo*) e "Zico ainda agita Udine" (*Jornal dos Sports*), relatando um fato inédito:

"O milagre da união de todos os partidos políticos, desde os fascistas até os comunistas, foi obtido pela primeira vez, num espectro onde também surgem os democrata-cristãos, socialistas e até os autonomistas. Todos contra Roma, dirigentes e torcedores comuns apoiam as gestões da comissão que deverá ser recebida pelo Ministro dos Esportes, Niccola Signorello. A missão, composta por funcionários e vereadores de todos os partidos, tem como único mandato recuperar o concurso de Zico no Udinese".<sup>46</sup>

Falcone relatou a expectativa dos torcedores:

"Inicialmente à beira da insurreição, a torcida do Udinese – que chegou a reunir numa passeata cinco mil pessoas em Udine, anteontem – está se comportando de modo disciplinado. Alguns chegaram a ameaçar quebra-quebra na cidade, mas foram todos convencidos pelo chefe da torcida, Gian Raffaele Antonucci, a manter a calma como arma de pressão".<sup>47</sup>

A manifestação realizada em Udine converteu a transação de um jogador de futebol no principal assunto da pauta política italiana no mês de julho de 1983. Decidiu-se, então, que o Comitê Olímpico Nacional Italiano (CONI) julgaria o caso no dia 19 de julho. Assim, embora houvesse a possibilidade do veto ser mantido, a participação de políticos influentes parecia, a princípio, contornar o problema.

Enquanto no Brasil os periódicos seguiam retratando os trâmites jurídicos envolvendo a negociação, discutia-se na Itália a possível renúncia de Federico Sordillo caso prevalecesse uma decisão favorável aos clubes. No dia 10 de julho, o presidente da Federação voltou a estampar os jornais após reafirmar os vetos a Zico e Cerezo:

---

<sup>46</sup> *Jornal dos Sports*, 06 de julho de 1983, p. 7.

<sup>47</sup> *O Globo*, 06 de julho de 1983, p. 24.

"A Federação Italiana classificou novamente de anômalo o contrato apresentado pelo Udinese, no valor de quatro milhões de dólares, para ficar com o passe de Zico. Argumentou que o clube de Udine tomou como intermediário da operação financeira uma sociedade – a Grouping Limited, de Londres – que não tem nenhuma ligação com o futebol, e a qual cede os direitos de exploração publicitária de Zico por 1,6 milhão de dólares".<sup>48</sup>

Independentemente da mobilização política que envolveu a transferência, Sordillo permaneceu irredutível. Entretanto, a pressão para o cancelamento do veto imposto aos jogadores se tornou incontornável ainda naquela semana, quando o próprio presidente da Itália, Sandro Pertini, declarou-se favorável à regularização:

"Sandro Pertini interveio ontem em favor do Udinese e do Roma, pedindo ao Presidente do Comitê Olímpico Nacional Italiano, Franco Carraro, que encontre uma fórmula capaz de permitir as inscrições de Zico (Udinese) e Toninho Cerezo (Roma) no Campeonato Italiano de Futebol. A Federação anteontem, manteve o veto ao registro dos contratos dos jogadores, o que embora esperado, não agradou a Pertini: - Zico e Cerezo são muito bons. Temos que deixá-los vir para a Itália. Precisamos equilibrar essa situação – disse Pertini ao Presidente do CONI".<sup>49</sup>

Após a interferência de Pertini, a derrubada do veto, assim com a transferência de Zico para o futebol italiano, tornara-se uma realidade, sendo necessário apenas o anúncio do CONI. Após a reunião da diretoria realizada no dia dezenove, o comitê anunciou publicamente, no dia 22 de julho, sua decisão final. No Brasil, os periódicos relataram: "Comitê permite que Zico jogue na Itália" (*O Globo*, 24/07/1983) e "CONI libera a inscrição de Zico e Cerezo" (*Jornal dos Sports*, 24/07/1983). Permanecia, portanto, apenas uma pendência a ser solucionada por parte do Udinese: o pagamento definitivo do "passe" do jogador ao seu clube de origem. A negociação que mobilizou os sentimentos de torcedores tanto do Flamengo, quanto do Udinese, no decorrer de dois meses, possuía, enfim, uma resolução.

Zico viajou para a Itália definitivamente em 28 de julho de 1983 e fez sua estreia pelo clube três dias depois em um amistoso contra o *Hadjuk*, da Iugoslávia. Horas antes da partida, o jogador participou de um desfile na cidade de Udine que culminou em sua "coroação". Segundo Falcone, Gian Raffaele Antonucci, o presidente das torcidas organizadas do Udinese, coroou-o com uma guirlanda de flores diante de doze mil

---

<sup>48</sup> O Globo, 10 de julho de 1983, p. 44.

<sup>49</sup> O Globo, 16 de julho de 1983, p. 24.

torcedores que se reuniram, mais uma vez, na *Piazza XX de Settembre* – o mesmo local em que a população da cidade insurgiu contra o veto imposto pela FIF à compra do passe do jogador. Durante os discursos feitos por personalidades ilustres que se envolveram nos trâmites da negociação, o mesmo Antonucci realizou uma sugestão ao prefeito Angelo Candolini: "Poderíamos chamar esta praça que assistiu à nossa alegria, mas também à nossa raiva, de Praça Zico".<sup>50</sup> De acordo com a jornalista, entre agitados e eufóricos, os torcedores teriam dito "sim" em uníssono à proposta.

### **5. Por trás de uma transferência: algumas mensagens cabíveis**

Se o futebol é capaz de emergir enquanto um fenômeno de influência no meio social, deve-se ressaltar que sua dimensão simbólica merece um maior destaque nas análises que o tomam como objeto de pesquisa. Existem certas mensagens que podem ser interpretadas, e contextos que devem ser investigados, a partir de um evento singular como a transferência de um jogador profissional de futebol. Como aponta a antropóloga Carmen Rial em *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*, ao discorrer sobre o papel ocupado por esses atletas em um mercado futebolístico globalizado:

Os jogadores de futebol são emigrantes especiais também por serem, ao mesmo tempo, *força de trabalho e mercadoria* (...) Embora o vernáculo do futebol remeta mais a um modelo escravagista ("ser vendido", "pertencer a um clube" são termos ainda presentes na mídia, e em alguns países as circunstâncias da migração podem efetivamente torná-los prisioneiros), ninguém discorda de que *o sistema de intercâmbio de jogadores esteja plenamente inserido nos modelos mais avançados de capitalismo*, e sua circulação seja comparável à do dinheiro.<sup>51</sup>

É importante destacar que este "modelo mais avançado de capitalismo" que a autora destaca não se manifesta no mundo contemporâneo esporadicamente. O processo de reabertura de fronteiras foi acompanhado também pela diminuição das restrições, a institucionalização de uma rede de circulação desses atletas,<sup>52</sup> e o aumento de transações, que estabeleceram, em certa medida, um fluxo migratório melhor delineado.

---

<sup>50</sup> O Globo, 01 de Agosto de 1983, p. 7.

<sup>51</sup> RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 29-30. grifos meus.

<sup>52</sup> Certos mecanismos legais, a exemplo da Lei Bosman (1995), na Europa, e da Lei Pelé (1998), no Brasil, auxiliaram no processo de institucionalização de um mercado futebolístico.

Voltando mais uma vez à obra incontornável de Taylor, ao investigar os usos do conceito de "globalização" nos estudos e debates que abordam o futebol, o historiador parece incorporar o raciocínio de Jürgen Osterhammel e Niels P. Petersson,<sup>53</sup> de que este fenômeno é, na realidade, composto por descontinuidades e rupturas, de modo que para os autores o pós anos setenta, adotado de maneira geral como a "era da globalização", é visto mais como um ponto de inflexão em um processo histórico de longa transformação do que como uma ruptura radical com o passado. E segundo Taylor:

Just like any other type of migration, the movement of footballers has been affected by economic and political processes and by the restrictions of states and governments, as well as the regulations of national and international football federations.<sup>54</sup>

Logo, ao passo em que a transferência de Zico pode ser enquadrada neste período pós-década de 1970, é importante analisar seus desdobramentos não apenas sob o viés de suas consequências e mensagens simbólicas transmitidas, como também a partir dos fatores estruturais que a propiciaram, a exemplo da crise organizacional do futebol brasileiro e o rearranjo dos mercados internacionais com a diluição de suas fronteiras. Questões econômicas, políticas e sociais permeiam qualquer transação e exercem influência direta e indireta nas escolhas de um jogador. Contudo, é importante pontuar que a decisão feita pelo atleta pode, muitas vezes, ser atravessada pelo papel dos Estados Nacionais e das Federações, que ao determinarem limites e regularem as transferências, atuam seguindo a própria lógica apresentada por Torpey do Estado como detentor dos meios legítimos de movimentação.

Assim, apesar do mercado futebolístico globalizado ter se consolidado nos últimos anos, este não pode ser tido como uma força pré-existente, ou até mesmo como uma consequência da "era da globalização". As transferências já eram realizadas desde o começo do século XX, mas passaram a adotar um novo formato a partir dos anos setenta e oitenta, enquadrando-se em uma perspectiva de um capitalismo avançado – em seu estágio neoliberal –, e é exatamente nos anos iniciais deste fenômeno que podemos encaixar a transferência de Arthur Antunes Coimbra para o *Udinese Calcio*. Seu

---

<sup>53</sup> JÜRGEN, Osterhammel, e NIELS P. Petersson. *Globalization: A Short History*. (Princeton: Princeton University Press, 2003).

<sup>54</sup> TAYLOR, M. *Global players? Football, migration and globalization*, c. 1930-2000. *Historical Social Research*, 31(1), 2006, p. 13.

contexto é amplo, assim como suas motivações e implicações, porém, após todas as adversidades que cercaram essa transação, na noite do dia 31 de julho de 1983, o novo ídolo do Udinese marcou seu primeiro gol para a alegria dos torcedores presentes no estádio que o aplaudiram incessantemente. A *Piazza XX de Settembre* não mudou de nome como sugeriram os mais exaltados na chegada definitiva do jogador, entretanto, os italianos que haviam feito o possível, tendo inclusive ameaçado os próprios limites geográficos de seu país para desfrutar do prazer de ver Zico vestindo a camisa bianconera eram, naquele momento, mais do que agentes históricos de seu tempo, uma comunidade de sentimentos imaginada.

### **Referências Bibliográficas**

ALVITO, Marcos. *A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização*. *Análise Social* (Lisboa), v. 41, p.451-474, 2006.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Ricardo Augusto Benzaquen. *Os Gênios da Pelota — Um Estudo do Futebol como Profissão*. UFRJ, tese de mestrado em Antropologia Social, 1980, p. 75.

ASSAF, Roberto e GARCIA, Roger. *Zico: 50 anos de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ASSAF, Roberto e MARTINS, Clovis. *Almanaque do Flamengo: contendo as fichas completas de todos os jogos das equipes de futebol profissional do Clube de Regatas do Flamengo, desde 1912 até a final do Mundial do Qatar 2019*. 2ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro: LivrosdeFutebol, 2020.

BANSE, Christian. *Global Players and the Stadium: Migration and Borders in Professional Football*. In: Frank, Sybille, and Silke Steets. *Stadium Worlds: Football, Space and the Built Environment*. Milton Park, Abingdon, Oxon: Routledge, 2010.

BONIFACE, Pascal. *A terra é redonda como uma bola: a geopolítica do futebol*. Portugal: Editorial Inquérito, 2002

CARDIN, Eric Gustavo; ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho. *Fronteiras e deslocamentos*. In: *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, n. 12, pp. 114-131, 2017.

CASTELLARI, Ademir Ângelo. *O tradicional e o moderno no futebol brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização*. USP, dissertação de mestrado em Ciências Sociais, 2010.

CASTRO, Ruy. *O vermelho e o negro: pequena grande história do Flamengo*. 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COELHO, Paulo Vinicius. *Bola Fora: A história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.

COSTA, Leda Maria da. *Futebol folhetinizado. A imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*. LOGOS 33 (UERJ. IMPRESSO), v. 17, p. 65-77, 2010.

FERREIRA, Daniel Vinicius. *História do Campeonato Brasileiro de futebol (1971-1987): para além da narrativa da "modernização" do futebol brasileiro*. Revista Hydra, v.3, p.77-121, 2018.

FOOT, John. *Calcio: A History of Italian Football*. Fourth Estate. Edição do Kindle.  
GIDDENS, Anthony (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da UNESP, 2. Ed.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa No Brasil*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1. 133p.

HELAL, Ronaldo e GORDON, César. *A Crise do Futebol Brasileiro: perspectivas para o século XXI*. In: ECO-PÓS: Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2002, p. 37.

JÜRGEN, Osterhammel, e NIELS P. Petersson. *Globalization: A Short History*. Princeton: Princeton University Press, 2003.

MELO, Victor Andrade de (org.). *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FOTES, Rafael; MALAIA, João Manuel. *Pesquisa Histórica e História do Esporte*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *Na Zona do Agrião, algumas mensagens ideológicas do Futebol*. In: Roberto da Matta; Luiz Felipe Baêta Neves Flores; Simoni Lahud Guedes; Arno Vogel. (Org.). *O Universo do Futebol*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982, v. 1, p. 43-58.

PALLADINI, Enzo. *O Zico o Austria*. Veneza: Edizioni inContropiede, 2020. 130p.

PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas, SP: UNICAMP. IE, 2000.

RIAL, Carmen. *Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. *O rei e o rito*. In: RODRIGUES, J.C. *Ensaio em antropologia do poder*. Rio de Janeiro, Terra Nova, 1982. O artigo foi publicado originalmente na Revista Comum, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.

TAYLOR, M. *Global players? Football, migration and globalization, c. 1930-2000*. Historical Social Research, 31(1), 2006.

TORPEY, John. *Coming and Going: On the State Monopolization of the Legitimate Means of Movement*. In: Sociological Theory, v. 16, n. 3, pp. 239-259, 1998.

ZICO [Arthur Antunes Coimbra]. *Zico conta sua história*. São Paulo: FTD, 1996, p. 12.

### **Fontes**

*Jornal dos Sports*

*O Globo*